

Lobos, 18 de Abril de 1924

Elvira!

Que a paz do Senhor reine em teu
lar, sinceramente. Aluejs. Nós, passamos, agora,
regularmente, pois a manhã e a Vbrohina, que
estiveram doentes, de cama, já estão melhor, en-
contrei-as já de pé. Como te havia escrito, ba-
bado fui a P. Mareado, e de lá à colônia Thersura,
donde repressei hoje, tendo feito boa viagem.

Elvira, agora que já falei-te de mim e dei
notícias nossas - coisas que, a julgar pelos teus
modos, pouco te interessa - vou falar-te de ti
que a 22 dias não me escreves, sem que pa-
ra isso me suporia uma explicação plausível,
pois é impossível que durante todo esse tempo
não tenham mandado ao correio, pelo menos uma
ou duas vezes, e que tivesses nesse tempo outras tantas
oportunidades de acaso, como de pessoas que
sempre são à cidade, e que não hajam aprovei-
tado nenhuma dessas ocasiões para me escre-
ver ao menos uma linha para dizer-me que
me amas ou me aborreces, isto para fôrmos
nem, ao menos. Mas que!... mas nem que mas que
não engulo semelhante pilula! O desamor é
até... nem sei que diga. Hoje viajei com diversas
pessoas conhecidas residentes ali, entre outras com
o M^{or}. Adalberto Machado, e uma antiga camaradinha

com quem vim palestrando, mas a ninguém
perguntei por ti, porque sei que não te conhe-
ceu, e mesmo contando certo que receberia carta
tua logo à chegada. Em P. M. estive com o Galustiano
que tinha vindo ao Cel. José Pauparis, assistir à uma
missa de 4.º dia da morte de um filho deste que suicida-
vou-se domingo ante-passado, e elle disse-me que ha dias
o teu pai estivera em Caruaru, mas eu não per-
guntei-lhe si tinha ido alistar-se voluntario para
ir a G. Paulo, diz-me tu, pois, se elle foi ou não pa-
ra esse fim. Agora sustentam a organização dos batalhões
patrióticos, o que nos assegura mais um tempo de
tranquillidade, e nos economiza um pouco das nos-
sas energias para a revolução que os opprimidos
do nosso Estado, terão que fazer moramente contra a
tyrannia que estamos suportando, todos os dias se re-
gistram mais crimes do governo, ainda hauteu
os proscriptos de Phezoura, assassinaram em sua
própria casa, sem nenhum crime a um cidadão pa-
cifico e ordeiro — o infeliz Antonio Diogo, que é irmão
de um meu irmão de uns 2 kilometros. Se as coisas con-
tinuarem assim teremos que nos levantarmos de
armas na mão contra esse ror de bandidismos; eu
de bom grado arriscaria a minha vida, e até d'al-
ia em holocausto à tranquillidade dessa pobre pa-
te que não tem um momento de repouso com esse
regime de terror. Oh! Antonio Auguste Borges de
Medeiros, para que sacos irás no inferno?! Que o
sangue e as lagrimas das tuas victimas se transfor-

meu em lasas candentes e cahiam potta a potta
na tua consciencia entorpecida, acordando-a para
o soffrimento desesperado do remorso. Não ha-
dia em que eu não saiba de um crime mais
trouso praticado por essa orda de bandidos que me
trahem á memoria os jactanciosos do padim Cão
que tyranicaram a Capital do Ceará. Eu não pos-
so estar um "proscrito" que não sinta o sangue
affluir-me á cabeça numa revolta de odio. Hoje
ainda ao desembarcar dei de cara com o F. M. e
tive impeto de cuspir-lhe na face, mas o fiz mas
chamei-o de muita coisa feia, que elle deixou sem
resposta como se não ouvisse, d'outra vez eu
hei de ser mais positivo juntando actos á pa-
lavras. Bem, mudemos de assumpto, ou antes ter-
minemos esta, mas não sem dizer-te que co-
mo revanche eu passarei 22 dias sem escrever-te
uma linha mais, isto não é por maldade, mas
é para fazer-te o que me fazes. Não me perguntes
nem me censures por eu assim proceder, por
que me fecharei como uma ostra, ás tuas recla-
mações e quicá, aos teus rogos. Quanto a este pon-
to estamos entendidos: si escrever-te hei no aman-
te do dia 10 de Setembro em diante.

Bandeiras e abraços

Do teu fiel amigo
Buchi